



16450 - Práticas agroecológicas e extrativistas no assentamento Facção/Furna São José: subsídios para a segurança alimentar e geração de renda

Agroecological and extractive practices in Facção settlement/Furna São José: subsidies for food security and income generation

PEREIRA, Joliene da Silva¹; NEVES, Sandra Mara Alves da Silva¹; MENDES, Maurício Ferreira²; NEVES, Ronaldo José¹; CAIONI, Charles¹; CARVALHO, Kelly Sinara Alves de¹.

¹Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, jolie_1321@hotmail.com; {ssneves, rjneves}@unemat.br; charlescaioni@hotmail.com; kellysinaraalves@gmail.com;

²Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, mauricio.f3@hotmail.com.

Resumo: O presente artigo teve como objetivo investigar as práticas agroecológicas e extrativistas no assentamento Facção/Furna São José, município de Cáceres/MT, na perspectiva de identificar as contribuições para a segurança alimentar e nutricional e geração de renda dos camponeses. Utilizou-se a metodologia de diagnóstico rural participativo e entrevistas semi-estruturadas. Constatou-se que as práticas agroecológicas e extrativistas contribuem diretamente para a segurança alimentar e nutricional, uma vez que os camponeses passaram a aumentar a oferta de alimentos em qualidade e quantidade, comercializando o excedente via mercado institucional e no próprio assentamento. Outro ponto importante é que a partir da adoção de práticas agroecológicas e extrativistas foi estabelecida uma relação mais harmoniosa com a natureza no assentamento. Por fim, as políticas públicas precisam cumprir seu papel, dando suporte e incentivando os camponeses a adotarem práticas que respeitem o ambiente.

Palavras-chave: Agroecologia, campesinato, extrativismo, segurança alimentar e nutricional.

Abstract: This paper aims to investigate the agroecological and extractive practices in Facção settlement/Furna São José, city of Cáceres/MT, in order to identify the contributions to the food and nutritional security and income generation of peasants. Being used the methodology to diagnosis participatory rural and semi-structured interviews. It was found that agroecological and extractive practices directly contribute to food and nutritional security, since the peasants began to increase the supply of food quality and quantity, selling the surplus via institutional market and in the settlement itself. Another important point is that with the adoption of agroecological practices and extractive was established a more harmonious relationship with nature in the settlement. Finally, public policies need to fulfill their role, supporting and encouraging peasants to adopt practices that respect the environment.

Keywords: Agroecology, peasants, extraction, food security and nutrition.



Introdução

No campo e na cidade estamos vendo a dificuldade das famílias para garantir o alimento em suas mesas. No campo, os latifúndios, as grandes empresas e o agronegócio avançam. Vemos o impacto da grande produção de soja e outras culturas, do uso indiscriminado de defensivos agrícolas, do crescimento das áreas de pastagens, das sementes transgênicas e da monocultura da cana-de-açúcar em detrimento do campesinato (ANA, 2007). Para enfrentar esse desafio é preciso investir em projetos demonstrativos de agroecologia e extrativismo como ocorre no assentamento Facão/Bom Jardim em Cáceres/MT e em vários territórios do Brasil. Porém, o desafio é imenso, visto que as políticas públicas beneficiam na sua maioria o agronegócio.

A agroecologia surge na década de 80 na América Latina como uma resposta a modernização conservadora, propondo enfrentar a crise ecológica e fortalecer segurança alimentar e nutricional dos camponeses, além de combater os problemas ambientais e sociais existentes com o manejo sustentável da natureza (PACHECO e CARDOSO, 2005). O extrativismo vegetal sustentável é considerado a essência da agroecologia, visto que prega uma relação mais harmoniosa com o ambiente, utilizando apenas o que a natureza oferece, além deixar uma parte para os animais e para a regeneração, perpetuando assim as espécies.

Se há alguns anos a Agroecologia se apresentava distante dos debates sobre desenvolvimento rural, atualmente goza de crescente reconhecimento público, Essa evolução explica-se pelo fato de que dinâmicas sociais de inovação agroecológica em curso nas várias regiões do país, não tiveram que esperar pela construção de sua credibilidade no mundo acadêmico para que pudessem se desenvolver e demonstrar seus benefícios para a vida de populações rurais historicamente marginalizadas e para a conservação dos ecossistemas em que elas vivem e produzem (MATTOS, et al. 2006, p. 15).

Como vimos a agroecologia não se restringe ao questionamento técnico-agronômico e formulação de propostas alternativas ao modelo tecnológico da revolução verde. Ela integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade (ALTIERI, 1989). Na agroecologia a realidade é vista de forma integrada, buscando-se a interação entre os vários elementos que existem no ambiente (MUTUANDO, 2005).

Ademais, o extrativismo representa uma alternativa econômica para diversas comunidades dos territórios do Cerrado que praticam o uso sustentável da biodiversidade, como aproveitamento, extração, processamento, comercialização de frutos, plantas medicinais, flores e apicultura em diversos estados brasileiros como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Minas Gerais.

Face ao exposto, o objetivo deste artigo foi investigar as práticas agroecológicas e extrativistas no assentamento Facão/Furna São José, município de Cáceres/MT, na perspectiva de identificar as contribuições para segurança alimentar e nutricional e geração de renda dos camponeses.

Metodologia

O assentamento Facão/Furna São José foi criado em 27/03/2006, porém com um processo de luta pela terra que se iniciou em 1998 com os primeiros acampamentos na área que hoje é o assentamento. Conta com uma extensão territorial de 47.039 km², está situado na zona rural de Cáceres em Mato Grosso, distando 12 km do perímetro urbano do município (Figura 1).

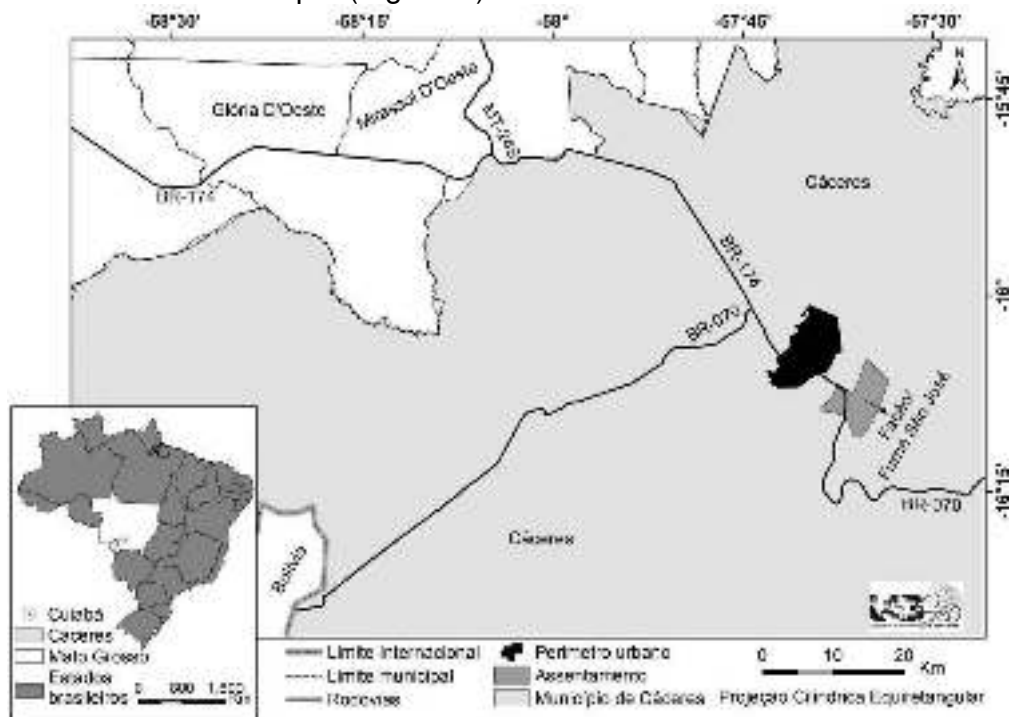


Figura 1. Localização do assentamento Facão/Furna São José em Cáceres/MT. Fonte: LABGEO UNEMAT, 2014.

No assentamento atualmente vivem 169 famílias. O assentamento Facão/Furna São José possui lotes que variam de 10 a 40 hectares. As principais atividades econômicas são: agricultura (mandioca, banana e milho), criação de pequenos animais (galinha, porco etc.), produção de hortaliças agroecológicas e o extrativismo do cumbaru (*Dipteryx alata* Vogel), sendo estas duas últimas atividades realizadas por 40 famílias camponesas, o aproveitamento do cumbaru é feito na agroindústria construída no próprio assentamento. Nesta unidade de processamento são produzidos pães, bolachas, bolos e castanhas a partir do cumbaru para venda via mercado institucional e também no próprio assentamento e entorno.



O estudo foi baseado no Diagnóstico Rural Participativo (DRP), com realização de reuniões, grupos de discussão, oficinas, construção de calendário da produção e mapas das unidades produtivas e consumidoras (VERDEJO, 2010), além de entrevistas semi-estruturadas com os camponeses do grupo de produção agroecológica e extrativista.

Foram realizadas reuniões na comunidade nos meses de fevereiro a julho de 2014, na sede da Associação de Agricultores Familiares Flor de Ipê e na sede da agroindústria de processamento de frutos do Cerrado com os camponeses envolvidos nas práticas agroecológicas e extrativistas. Esses espaços serviram para avaliar os principais avanços e dificuldades na adoção de práticas agroecológicas e extrativistas no assentamento Facão/Furna São José.

As entrevistas semi-estruturadas foram elaboradas para obter informações sobre o processo de luta e conquista da terra no assentamento, números de famílias que optaram pelas práticas agroecológicas, como ocorre o aproveitamento de frutos do Cerrado e como estas ações contribuem para a segurança alimentar e geração de renda dos camponeses. A adoção da entrevista semi-estruturada foi devida sua flexibilidade, pois “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 72). Foram entrevistados todos os 40 camponeses dos grupos de produção agroecológica e extrativista, o que encaminhou a definição do universo de pesquisa a corresponder a 100%.

Resultados e discussões

Os camponeses do assentamento Facão/Furna São José decidiram que precisavam mudar na direção da agroecologia e do extrativismo na assembleia geral da Associação de Agricultores Familiares Flor de Ipê realizada em julho de 2005.

A primeira iniciativa foi adotar práticas agroecológicas na produção agrícola do assentamento, desde o início os camponeses contam com assessoria técnica do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cáceres (STTR Cáceres) e Federação de Órgãos para Assistência Social Educacional/Regional Mato Grosso (FASE/MT) que ministraram um curso denominado “Agroecologia pé chão” (Figura 2), esse curso é disseminado em vários assentamentos e comunidades da região, para fins de replicação de práticas agroecológicas e extrativistas, tendo a discussão de gênero como tema transversal.



Figura 2. Curso de agroecologia “Pé no chão” realizado no assentamento Facão/Bom Jardim. Fotos: MENDES, M. F. 2005.

A grande dificuldade dos camponeses foi colocar em prática todos os aprendizados do curso na produção e no dia a dia do assentamento, visto que é preciso bastante empenho para planejar e organizar o trabalho, sendo que uso dos recursos naturais é o caminho para ter sucesso. As primeiras práticas agroecológicas adotadas pelos camponeses foram as seguintes: (PUHL, 1999).

- 1) Planejamento e controle da água para não levar a terra fértil embora e entulhar os córregos. Para o isso os camponeses começaram a plantar em curvas de níveis e também plantar fileiras de cana ou outras plantas perenes ou temporárias que produzem muitas folhas e que podem ser cortadas para a fazer a cobertura do solo;
- 2) Controle do fogo, apesar de ser uma técnica muito usada na região, é péssima para a fertilidade do solo, destrói a matéria orgânica (palhadas ou restos de culturas), muito importantes para a cobertura e consequentemente a fertilidade do solo;
- 3) Substituição de adubos químicos por caldas naturais e biofertilizantes, os camponeses começaram a investir em esterco, palhada e restos de plantas para fazer cobertura morta do solo, para que este esteja protegido contra o calor, sol e as chuvas fortes, além de plantar leguminosas, que são ótimos adubos e ajudam a melhorar o solo;
- 4) Investimento na rotação de cultura, não plantando sempre a banana, o milho, a mandioca, a cana, a horta no mesmo lugar. Áreas onde a terra está enfraquecida os camponeses começaram a plantar leguminosas e deixar descansar por um ou dois anos para se recuperarem.
- 5) Investimento em sementes tradicionais, para que os camponeses não dependam dos pacotes sintéticos e sementes híbridas ou mudadas geneticamente.

Colocando em práticas estas primeiras ideias, o camponês começou a observar sinais de mudanças de recuperação do equilíbrio no seu sistema, contribuindo para conservação dos recursos naturais e produzindo renda (PUHL, 2009). As hortaliças atualmente são produzidas utilizando caldas de pimenta, fumo, bordalesa,

sulfocálcica e biofertilizantes. O uso de agrotóxicos nas lavouras e nas criações, que além de poluir o ambiente, gera em muitas comunidades casos graves de intoxicação nas famílias (ANA, 2007).



Figura 3. Produção de hortaliças agroecológicas no assentamento Facão/Furna São José. Fotos: MENDES, M. F. 2008.

A prática da agricultura agroecológica tem um papel fundamental na proteção da natureza, principalmente porque garante a manutenção da diversificação da produção e da agrobiodiversidade, o que vem em oposição ao modelo agrícola convencional, baseado em monocultivos (ANA, 2007).

Juntamente com a adoção de práticas agroecológicas, os camponeses realizaram a primeira oficina sobre manejo e aproveitamento de frutos do Cerrado (Figura 4) com objetivo de incentivar a alimentação com frutos nativos, uma vez que no assentamento encontra-se cumbaru (*D. alata*), orvalho (*Eugenia dysenterica* Dc.), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart.), mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes), canjiquinha (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth), chichá-do-cerrado (*Sterculia striata* St. Hill. et Naud), entre outras espécies.



Figura 4. Oficina sobre manejo e aproveitamento de frutos do Cerrado no assentamento Facão/Furna São Jose. Fotos: MENDES, M. F. 2005.

Desde o início os camponeses optaram em investir no cumbaru, que é abundante na comunidade. O fruto do cumbaruzeiro tem polpa marrom e semente mais escura, tanto a polpa como a semente podem ser utilizada na alimentação humana, a amêndoa é a mais apreciada e usada para enriquecer bolos e sorvetes.

Além de ser usado na alimentação humana, a parte dura e lenhosa do caroço pode ser aproveitada como carvão. A polpa também pode ser direcionada para alimentação do gado, pois contém proteínas, é interessante porque justamente quando o cumbaru amadurece a qualidade do pasto está em baixa na região, servindo como uma alternativa para alimentação dos animais nas épocas de estiagem (EMBRAPA CERRADOS, 2004).

As principais práticas adotadas para a adoção do extrativismo sustentável no assentamento foram:

- 1) Os frutos devem ser colhidos no chão, quando estão maduros;
- 2) Não cortar os galhos com facão ou foice, pois corre o risco de machucar a planta e prejudicar a produção;
- 3) Deixar parte dos frutos no chão para os animais e para a germinação de novas espécies;
- 4) Enriquecer áreas de coleta com o cumbaru e outras espécies do Cerrado.

Mas as inovações não pararam com estas iniciativas, em 2008 os camponeses sob liderança das mulheres resolveram construir no assentamento uma agroindústria de processamento de frutos do Cerrado (Figura 5), com especialidade no processamento de cumbaru. Para construção utilizaram-se recursos dos próprios camponeses e do Serviço de Análise e Apoio a Projetos da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (SAAP/FASE).



Figura 5. Construção da agroindústria e a agroindústria de processamento de frutos do Cerrado funcionando no assentamento Facão/Furna São José. Fotos: MENDES, M. F. 2008.



Todas essas ações contribuíram diretamente para melhorar a qualidade de vida e a alimentação das famílias camponesas do assentamento Facção/Bom Jardim que optaram pela agroecologia, uma vez que os alimentos são livres de agrotóxicos. Os frutos nativos também contribuíram na segurança alimentar e nutricional, pois apresentam nutrientes, por exemplo, o buriti (*Mauritia vinífera* Mart.) e o pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.) tem alta concentração de betacaroteno, que se transforma em vitamina A no organismo humano, e o jatobá (*H. stigonocarpa*) é rico em cálcio que é importante para os dentes e ossos. Os frutos do Cerrado representam um banco de nutrientes, principalmente para a população da área rural (EMBRAPA CERRADOS, 2004).

Atualmente os camponeses comercializam hortaliças agroecológicas e alimentos do cumbaru como castanhas, pães e bolachas para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal, proporcionando diversificação na alimentação do próprio assentamento e na alimentação escolar de crianças de duas escolas da periferia de Cáceres.

Dentre as ações governamentais na área de segurança alimentar e nutricional destaca-se o Programa de Aquisição de Alimentos. O PAA aparece em muitas experiências como um programa que facilitou a consolidação das estratégias de comercialização e de construção de uma relação entre camponeses e consumidores de escolas. O PAA mostrou ser uma excelente ferramenta para garantir renda para os camponeses e alimento de qualidade para crianças e famílias em situação de risco de insegurança alimentar, valorizando o alimento local e regional (ANA, 2007).

Como vimos muitas ações da agroecologia no assentamento Facção/Bom Jardim estão contribuindo para a construção da segurança alimentar e nutricional, nas mais variadas dimensões: produção de alimentos livre de agrotóxicos, utilização de frutos do Cerrado, uso de sementes tradicionais, diversificação de sistemas e a valorização do alimento produzido pelos camponeses.

Conclusões

As práticas agroecológicas e extrativistas contribuíram diretamente para a segurança alimentar e nutricional, uma vez que os camponeses passaram a aumentar a oferta de produtos em qualidade e quantidade, comercializando o excedente via mercado institucional e no próprio assentamento.

Outro fato importante é que a partir da adoção de práticas agroecológicas e extrativistas foi estabelecida uma relação mais harmoniosa com a natureza no assentamento, conservando espécies como o cumbaru, que antes não era valorizada.



Por fim, as políticas públicas precisam cumprir seu papel, dando suporte e incentivando os camponeses a adotarem práticas que respeitem o ambiente e que contribuam na segurança alimentar e nutricional e geração de renda, diminuindo a pobreza no campo.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989, 240p.

ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. Soberania e Segurança Alimentar. In: II Encontro Nacional de Agroecologia, Recife, 2007. **Anais..** Recife, 2007. 44p.

Embrapa Cerrados. **Manejo e aproveitamento de frutas nativas do cerrado**. Dia de Campo na TV, 2004.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

MATTOS, L.; DIDONET, A. D.; BAGGIO, A. J.; MACHADO, A. T. TAVARES, E. D. **Marco Referencial em Agroecologia**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Brasília, DF. 2006. 70p.

MUTUANDO, Instituto Giramundo. **Cartilha agroecológica**. Botucatu: Editora Criação, 2005. 88p.

PACHECO, M. E. L.; CARDOSO, E. M. A sustentabilidade da produção agroecológica também é uma questão de gênero. **Revista Ação Ambiental**, v. 8, n. 31, p. 30-33, 2005.

PUHL, J. I. **Implantando um sítio agroecológico**. Centro de Tecnologia Alternativa. Pontes e Lacerda-MT, 1999, 24p.

VERDEJO, M. E. **Diagnostico Rural Participativo: Guia prático DRP**. Brasília: MDA/Secretaria Da Agricultura familiar, 2010. 61p.